



GT – “23”: “Urbanização, turismo e lazeres”

A TRAJETÓRIA ECONÔMICA DO SALGADO PARAENSE E OS EFEITOS DO TURISMO NAS PEQUENAS CIDADES

Autor: Karina Pimentel dos Santos

Filiação institucional: Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP)

E-mail: kasantos1105@gmail.com

RESUMO: O advento da globalização tornou possível a facilidade no deslocamento populacional ao redor do mundo, potencializando a atividade do turismo. No entanto, ela também reluz à ideologia neoliberal e certas dinâmicas turísticas propagam a desigualdade local por meio da padronização dos lugares. Diante do pressuposto, este trabalho tem como objetivo analisar a trajetória econômica da microrregião do Salgado e transformações espaciais resultantes do turismo de veraneio em Curuçá e Salinópolis (PA), a partir de uma análise comparativa. As duas principais etapas da construção deste trabalho foram a coleta de referencial teórico e a análise dos dados coletados em campo, que resultou no mapeamento do crescimento urbano das cidades. Foi constatado a contradição do estabelecimento das infraestruturas do turismo entre elas, sendo que em Salinópolis há um caráter mais segregador e em Curuçá um caráter mais agregador.

Palavras-chave: Turismo cultural, Turismo de veraneio, Salgado Paraense.

1. INTRODUÇÃO

O turismo na Amazônia foi intensificado a partir dos incentivos governamentais, no final dos anos de 1970, que resultou do movimento de conexão do Norte ao resto do país e ao mundo. A promoção e organização do espaço turístico amazônico são processos que datam desse movimento de conexão do Norte ao resto do país e ao mundo. As primeiras ações do poder público para o desenvolvimento do turismo começaram com o I Plano de Turismo da Amazônia (PTA) lançado em 1977 que focava no progresso turístico e econômico junto com os grandes projetos pensados naquela época para a região (FARIAS, 2014), e o Tratado de Cooperação Amazônica (TCA) assinado em 1978 por Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela que visava ações em conjunto para o desenvolvimento da Bacia Amazônica (SANSOLO, 2013).

Dos sete estados que compõem a região Norte, apenas dois deles possuem faixa costeira litorânea, Amapá e Pará, sendo este último o que possui a maior extensão. As cidades do litoral paraense, banhadas pelo Oceano Atlântico, apresentam uma forte dinâmica do turismo costeiro. Em função de sua localização, essa região é um dos destinos de turismo de veraneio mais procurados pela população paraense, principalmente de Belém e região metropolitana, na alta temporada dos meses de férias, julho e janeiro, e nos feriados prolongados.

O acesso a essas pequenas cidades do litoral paraense foi facilitado a partir da década de 1960 com o projeto de construção de rodovias na Amazônia. Ao longo desse processo, o turismo de veraneio se tornou uma parte importante da economia, impulsionando o comércio local, a construção de segunda residência e tornando as cidades atrativas para o lazer, com um forte mercado imobiliário. A trajetória econômica da região demonstra importantes mudanças nos padrões de atividades e como esse trajeto favoreceu o turismo. Por isso, o trabalho tem como objetivo analisar essa trajetória econômica da microrregião do Salgado e transformações espaciais resultantes do turismo de veraneio em Curuçá e Salinópolis (PA).

Para entender melhor essa dinâmica, é necessário diferenciar esse tipo de turismo. Segundo a definição de Caletrío (2011), o veraneio envolve uma sazonalidade e é destinado para o descanso e lazer, diferente do que acontece nas famosas cidades turísticas em que os visitantes realizam passeios, tours, visitam museus, monumentos históricos etc. O veraneio acontece de acordo com a relação com o lugar, que pode apresentar uma simbologia de local

para descanso, relaxamento e socialização entre família e amigos.

Porém, a intensidade e o fluxo do turismo de veraneio ocorrem de modo distinto em cada cidade. Ao comparar Curuçá e Salinópolis, municípios do Salgado paraense, percebe-se a presença de estruturas urbanas diferentes que envolvem essa atividade. Enquanto Curuçá preserva seu status de pequena cidade, possuindo um turismo que valoriza suas tradições e culturas, Salinópolis apresenta estruturas que foram construídas para atender exclusivamente aos turistas, como grandes resorts, hotéis e até mesmo um aeroporto.

Curuçá se destaca pelos grandes eventos culturais que são realizados durante o ano e que atraem muitos turistas, movimentando a economia da cidade. O tipo de turismo que nela ocorre ajuda a fortalecer a preservação da cultura e dos seus traços singulares de pequena cidade, apresentando um crescimento e expansão do urbano mais orgânico e menos avassalador, em função do turismo. Em contrapartida, Salinópolis vive uma (re)estruturação intensa em função do turismo, com infraestruturas do capital imobiliário e hoteleiro destinadas a atender as necessidades dessa atividade, porém seus aspectos culturais foram sendo esquecidos nesse processo.

A construção deste artigo teve duas etapas principais: primeiro a busca por referenciais teóricos que abordem as temáticas de pequenas cidades, turismo de veraneio, produção do espaço; e a segunda foi a análise dos resultados do trabalho de campo realizado em Curuçá e Salinópolis, que possibilitaram a melhor compreensão da dinâmica do turismo de veraneio em ambos os municípios. O projeto principal do qual este artigo está vinculado foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição sede, CAAE nº 50934121.9.0000.5503.

2. TRAJETÓRIA ECONOMICA DO SALGADO PARAENSE

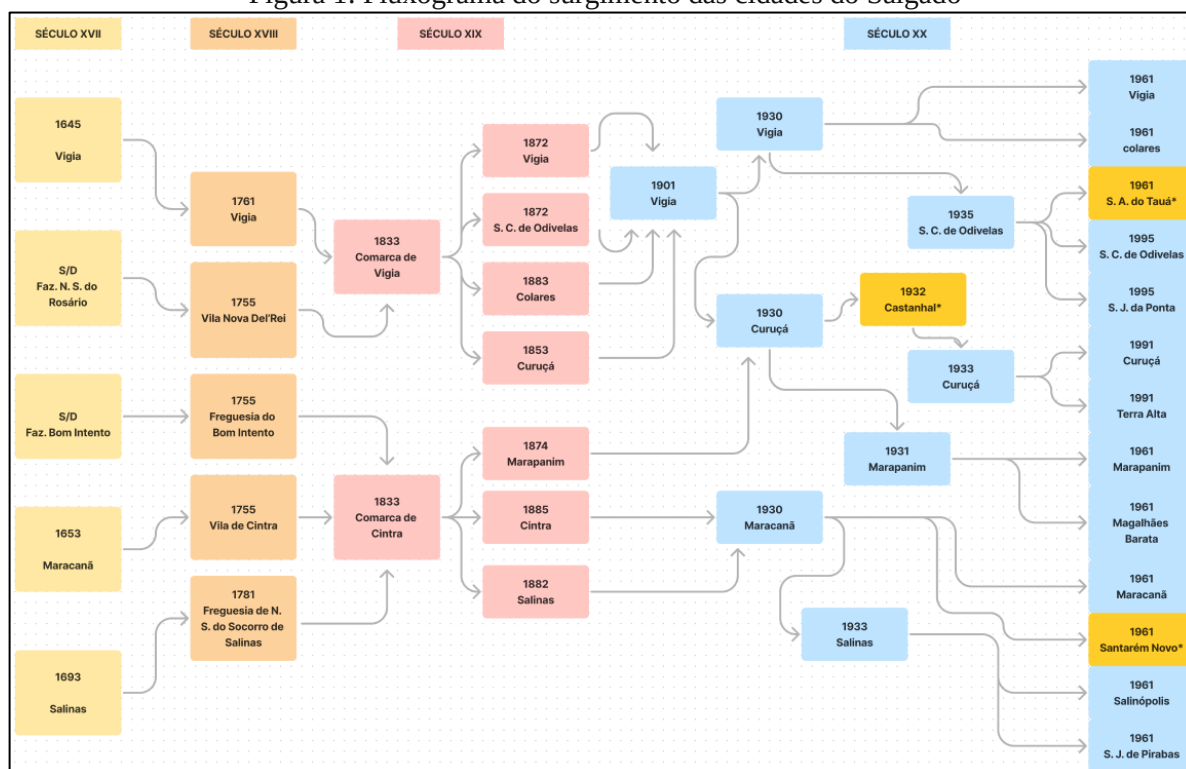
O processo de formação do litoral paraense esteve ligado diretamente à colonização e implantação de fazendas jesuíticas. Após um longo cenário de mudanças políticas e desmembramento territorial, surgiram os municípios da zona costeira do Pará. Rocha *et al.* (2019) periodizaram, em seus estudos, as dinâmicas territoriais que ocorreram na zona costeira do Pará em três fases, são elas: a fase fluviomarinha, a fase ferroviária e a fase rodoviária.

Em resumo, a fase fluviomarinha ocorreu entre os séculos XVI a XVIII, foi marcada pelo controle territorial, esferas de circulação dos produtos e da força de trabalho, um período

em que a navegação era a principal forma de locomoção naquela região. A segunda fase, a ferroviária, durou de meados do século XIX à primeira metade do século XX, foi um período de interesse da atividade extrativista da borracha que influenciou outras atividades como pesca, comércio e alguns produtos extrativistas, além da construção da Estrada de Ferro Belém-Bragança, que foi um viés principal da colonização do Nordeste Paraense. Na terceira fase, a rodoviária, seguiu a ideologia do período militar de ocupar “vazios demográficos”, conter conflitos no campo com a migração e colocar em frente o projeto de integração nacional por meio das rodovias, quando surgiram vários núcleos urbanos seguiram a dinâmica rodoviária (ROCHA *et al.*, 2019).

A origem do Salgado paraense remete ao processo de colonização, a chamada fase fluviomarina. A região, como é conhecida atualmente, se originou a partir de cinco núcleos, durante o século XVII. Eram fazendas de catequização dos Jesuítas que foram fundadas às margens da Baía do Marajó e do oceano Atlântico, conhecidas como Vigia, Fazenda Nossa Senhora do Rosário, Fazenda Bom Intento, Maracanã e Salinas. A Figura 1 apresenta um fluxograma da gênese desse processo de surgimento das cidades, organizado a partir dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX.

Figura 1: Fluxograma do surgimento das cidades do Salgado

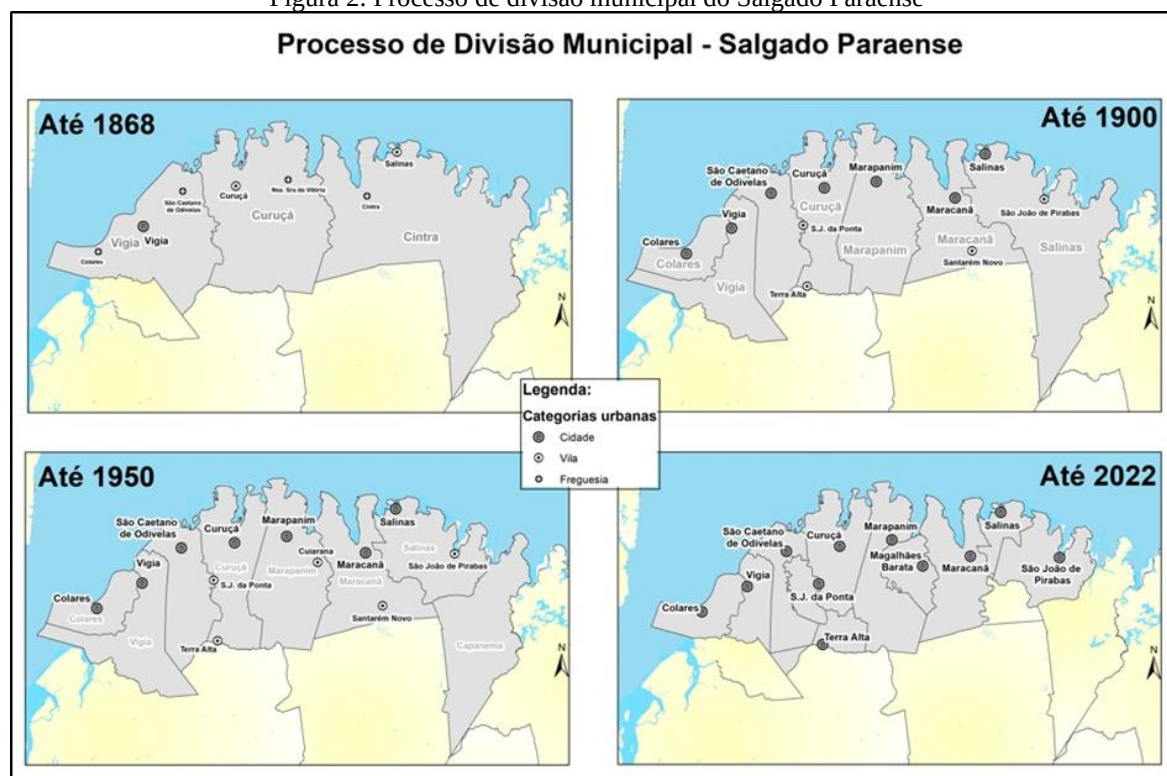


Fonte: Elaboração própria a partir da Estatísticas Municipal (FAPESPA, 2021a; FAPESPA, 2021b; FAPESPA, 2021c). *Cidades que não pertencem à microrregião do Salgado.

Como resultado de um longo processo de dinâmicas territoriais, atualmente o Salgado é formado por onze cidades: Vigia, Salinópolis, Curuçá, Maracanã, Marapanim, São João de Pirabas, São Caetano de Odivelas, Colares, Terra Alta, Magalhães Barata e São João da Ponta (Figura 1). A Figura 2 a seguir apresenta o mapeamento da divisão municipal que ocorreu ao longo dos anos no Salgado até século XXI.

O formato da organização dessa primeira fase fluviomarinha resultou no modelo de rede urbana dendrítica, como pontua Corrêa (1987), que no Pará era regida por Belém e suas conexões de cidades na beira do rio ou da maré. Dessa forma, percebe-se a gênese das cidades da microrregião do Salgado resultou desse controle territorial, realizado a partir das estratégias e ações geopolíticas de controle do extrativismo e da forma de trabalho nos aglomerados comunitários (ROCHA *et al.*, 2019).

Figura 2: Processo de divisão municipal do Salgado Paraense



Fonte: Laboratório das cidades, 2022.

A função de entreposto comercial que a costa paraense exercia reforçou a dinâmica das vilas nelas presentes, que também davam acesso ao interior do continente por meio dos rios que

próximo delas desaguavam. A base econômica era voltada principalmente para a pesca, e apresentavam um cotidiano intensamente ligado ao mar, assim essa porção do litoral ganhou a denominação de região do Salgado (ÉGLER, 1961).

Segundo Baena (1885), nesse período as comarcas em destaque no Salgado eram Cintra e Vigia. A primeira possuía áreas propícias para a agricultura, a população se dedicava quase que exclusivamente à pesca, pela facilidade e abundância de rios e da maré. Nesse período não existia navegação a vapor que ligasse Cintra até a capital, esse trajeto era feito por pequenas embarcações e canoas de pescadores (BAENA, 1885).

A vila de Salinas sempre se destacou pela navegação, um exemplo disso foi a implantação do famoso Farol, que funciona até hoje, desde 1852, e auxiliava os navegantes junto com a estação de práticos que existia na cidade. Possuía clima saudável, terreno fértil, bastante vento, extensas praias de areia branca, com vegetação frutífera. A população vivia da pesca e comunicava-se com a capital por meio de pequenos barcos e canoas, e de embarcações a serviço dos práticos, pois não tinha navegação a vapor (BAENA, 1885). A vila de Curuçá, que pertencia à Cintra, tinha uma excelente água potável e excelente pesca, além da agricultura. A vila possuía um ponto de escala da lancha a vapor que fazia a navegação pela costa duas vezes por mês (BAENA, 1885).

A atividade da pesca no Salgado foi beneficiada, por exemplo, pela fertilidade das águas da zona costeira que se associa à ação do rio Amazonas, pois ao desembocar arrasta uma quantidade considerável de resíduos orgânicos e micro-orgânicos que concorre para a fertilidade das águas (FURTADO, 1981). O caráter artesanal da pesca foi algo muito importante para o desenvolvimento da pesca no Pará, com destino para a subsistência e comercialização.

O Salgado, segundo Furtado (1981), ocupava o primeiro lugar na produção de pesca marítima, e foi através dessa atividade que o fluxo de comercialização do pescado se estabeleceu, fortalecendo as relações sociais e econômicas entre os centros produtores de peixe e a área metropolitana de Belém. A autora comenta que, além dos pesqueiros que existiam na costa da ilha do Marajó, a zona do Salgado era vista como um grande manancial de peixe.

No período de exploração da borracha, parte da produção de peixe que vinha do Salgado se destinava à Belém e outras cidades, uma parte era consumida localmente e a outra era exportada para os seringais (FURTADO, 1981). Além da importância para o consumo e abastecimento, havia um grande interesse comercial pelo grude de peixe, que era usado na fabricação de colas, essa produção imprimia direção e valor à atividade pesqueira, sendo que

no “período de 1889 e 1893 o Pará exportou 347.399 kg de grude de peixe, na maioria, de gurijuba” (FURTADO, 1981, p. 18)

Nas primeiras décadas do século XX, foram criadas oficialmente colônias de pescadores, em todo litoral brasileiro, esse processo ficou conhecido como a “primeira tentativa de organização da atividade pesqueira, no sentido de dar uma assistência mais racional às populações que viviam sob a dependência dessa atividade, no litoral do país” (FURTADO, 1981, p. 33).

Isso demonstra a relevância da pesca perante a regulamentação do estado, pois mesmo sendo de característica artesanal, foi instaurado a criação de normas para a atividade. Em outro trabalho de Furtado (1984), a autora menciona que, até a década de 1980, a pesca artesanal no Salgado ainda não havia conquistado a infraestrutura desejada pelos pescadores, pois o processo de armazenamento e conservação eram bastantes precários.

Esse fator influenciou no sistema de comercialização, que dependia diretamente de um intermediador vigente, o qual encarece o preço do produto ao consumidor e não assegura preços justos no nível dos produtores. O destino principal da produção pesqueira do Salgado era o abastecimento interno da população das cidades de maré e dos centros de região metropolitana de Belém (FURTADO, 1984).

Segundo a descrição do governador Augusto Montenegro (1908), no álbum dedicado à descrição das cidades do Pará, ele ressalta a importância das cidades de Vigia, Curuçá, São Caetano de Odivelas, Maracanã, como estratégicas na produção agrícola de cereais e na produção de pescado, importante para o abastecimento da capital.

Surge então, na terceira fase da organização territorial do litoral conhecida como rodoviária (ROCHA *et al.*, 2019), uma outra atividade passa a ganhar grande dinamismo: o turismo. Isso se deu por diversos fatores, entre eles a maior conectividade da RMB com as cidades do litoral por meio das rodovias, incentivos públicos etc.

Neste sentido, a partir da década de 1950 e 1960, o governo brasileiro buscou implantar projetos de integração da Amazônia ao resto do país, reforçando a política rodoviarista e criando rodovias. A construção de Belém-Brasília propiciou um maior acesso para a região amazônica e buscas por terras devolutas, fator que foi responsável pela criação de dezenas de vilas, povoados e cidades (TAVARES, 2011).

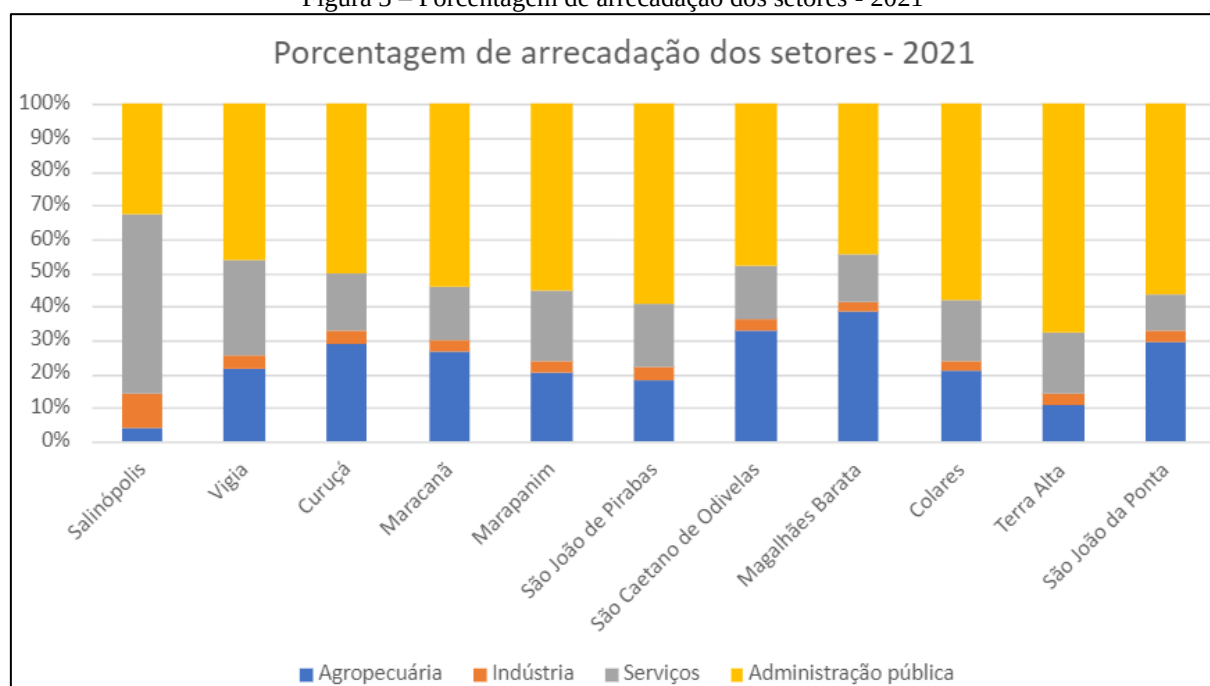
O turismo balnear (ADRIÃO, 2006) ou de veraneio (CALETRÍO, 2011) é marcado pela sazonalidade e os veranistas mantêm certa familiaridade e proximidade com o local, dinâmica

diferente de outras formas de turismo, como por exemplo as caravanas que visitam lugares históricos, e que mantêm pouco ou nenhum laço familiar com o local (ADRIÃO, 2006).

O crescimento e o fortalecimento do turismo não anularam ou substituíram a atividade da pesca. Marinho (2017) comenta que a pesca artesanal ainda se apresenta de maneira significativa para o abastecimento do mercado interno da maioria das cidades da região, mesmo diante da produção da pesca industrial, além de ser uma importante fonte de subsistência, “atividade pesqueira e suas transformações são de grande importância para a compreensão do espaço regional do Salgado Paraense” (MARINHO, 2017, p. 163). Mas o turismo foi um grande transformador para as cidades litorâneas, estabelecendo centralidade e introduzindo a nova dinâmica do veraneio.

Os dados a seguir apresentam alguns destaques dessa trajetória econômica baseada nos valores do PIB das cidades do Salgado. A Figura 3 demonstra o percentual dos valores de arrecadação dos quatros setores: agropecuária, indústria, serviços e administração pública¹, para as onze cidades da microrregião.

Figura 3 – Porcentagem de arrecadação dos setores - 2021



Fonte: IBGE Cidades, 2021.

É notável que a Administração pública (defesa, educação e saúde públicas e seguridade

¹ A separação da categoria Serviços com a Administração Pública ocorreu em 2003, antes desse período a arrecadação estava fundida, por isso os valores de 2005 aparecem em baixa significativa.

social) é a principal fonte de arrecadação do PIB nessas pequenas cidades, cenário esse que se alterou considerando os séculos passados em que o primeiro setor da economia exibiam as atividades mais importantes para a região, como a agricultura, pecuária e o extrativismo da pesca. A indústria, portanto, não tem grande destaque nessas cidades, em contraponto com a agropecuária e serviços demonstram significativa participação nos PIB de Magalhães Barata e Salinópolis, respectivamente.

De forma mais resumida, trazemos o destaque para as duas cidades abordadas na pesquisa, Curuçá e Salinópolis, com levantamento de dados desde 1999 até 2020. A Tabela 1 pontua o PIB total de cada ano e em seguida o valor da porcentagem de arrecadação no setor de Serviços, que está ligada diretamente à dinâmica turística e comercial. Nota-se que Salinópolis tem os maiores valores nessa arrecadação, reforçando seu status de cidade com maior centralidade na dinâmica comercial, diferente de Curuçá, por exemplo, que depois da separação entre Serviços e Administração Pública decaiu na porcentagem de arrecadação desse setor. A Tabela 2 apresenta também apresenta o PIB de cada ano e a porcentagem de arrecadações na Administração Pública, valores que são a principal fonte de arrecadação para Curuçá, dinâmica comum nas pequenas cidades da Amazônia, como apontou o gráfico da Figura 3.

Tabela 1 – Porcentagem de arrecadação do Serviços

	<i>Curuçá</i>	<i>Salinópolis</i>
1999	PIB R\$	PIB R\$
	26.793,00	57.862,00
	68,31%	81,42%
2005	PIB R\$	PIB
	64.800,00	R\$107.035,00
	18,85%	46,33%
2010	PIB R\$	PIB R\$
	129.255,00	166.471,00
	19,98%	50,33%
2015	PIB R\$	PIB R\$
	234.571,88	318.304,24
	20,46%	40,02%
2020	PIB R\$	PIB R\$
	319.275,13	513.152,63
	18,22%	48,89%

Fonte: IBGE, 2021.

Tabela 2 – Porcentagem de arrecadação da Administração pública

	<i>Curuçá</i>	<i>Salinópolis</i>
2005	PIB R\$	PIB
	64.800,00	R\$107.035,00
	40,54%	33,84%
2010	PIB R\$	PIB R\$
	129.255,00	166.471,00
	52,18%	39,29%
2015	PIB R\$	PIB R\$
	234.571,88	318.304,24
	46,25%	35,65%
2020	PIB R\$	PIB R\$
	319.275,13	513.152,63
	52,75%	32,71%

Fonte: IBGE, 2021.

A Tabela 3 a seguir traz a porcentagem arrecada do setor da Agropecuária, para mostrar que em Salinópolis este valor é irrisório comparado com as outras arrecadações por apresentar uma pequena área rural. Em Curuçá, como contrapartida, é perceptível a variação desses valores

ao longo dos anos, apresentando importante participação em especial para a população da zona rural que sustenta a atividade, refletindo atualmente no valor maior para agropecuária do que para o setor de Serviços. A Tabela 4 vem apenas reforçando que a atividade industrial não tem tanta participação na arrecadação do PIB, cenário do resultado de todas as cidades do Salgado, como bem mostra o gráfico da Figura 3.

Tabela 1 – Porcentagem de arrecadação da Agropecuária

	Curuçá	Salinópolis
	PIB R\$	PIB R\$
1999	26.793,00	57.862,00
	21,81%	4,96%
	PIB R\$	PIB
2005	64.800,00	R\$107.035,00
	35,22%	4,86%
	PIB R\$	PIB R\$
2010	129.255,00	166.471,00
	11,77%	5,53%
	PIB R\$	PIB R\$
2015	234.571,88	318.304,24
	29,59%	4,79%
	PIB R\$	PIB R\$
2020	319.275,13	513.152,63
	25,34%	3,51%

Fonte: IBGE, 2021.

Tabela 2 – Porcentagem de arrecadação da Indústria

	Curuçá	Salinópolis
	PIB R\$	PIB R\$
1999	26.793,00	57.862,00
	8,31%	9,32%
	PIB R\$	PIB
2005	64.800,00	R\$107.035,00
	5,37%	14,96%
	PIB R\$	PIB R\$
2010	129.255,00	166.471,00
	3,53%	5,62%
	PIB R\$	PIB R\$
2015	234.571,88	318.304,24
	3,69%	9,52%
	PIB R\$	PIB R\$
2020	319.275,13	513.152,63
	3,67%	14,87%

Fonte: IBGE, 2023.

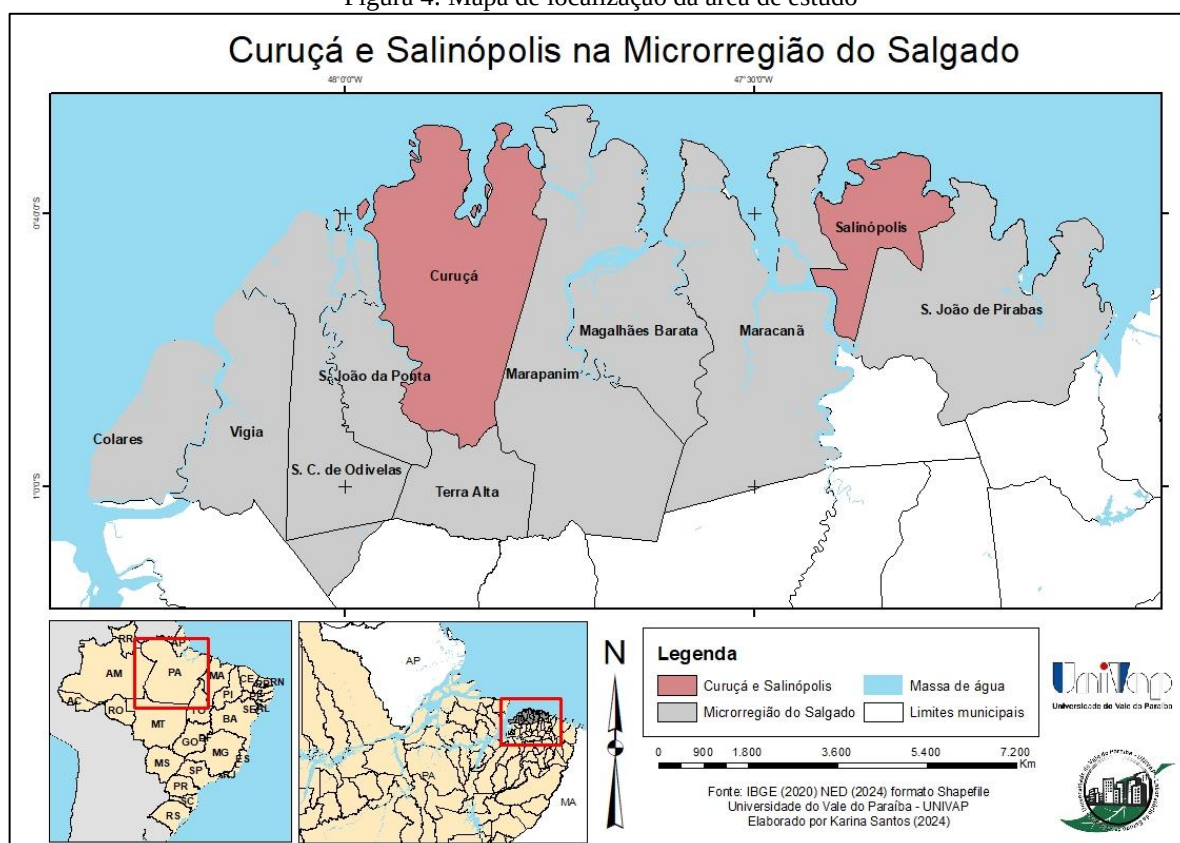
Portanto, o setor de Serviços exige um tipo de instalação que atenda às necessidades do comércio, por isso o planejamento urbano revela o projeto que coloque a cidade como esquema prático de circulação (CARLOS, 2016), nesse caso circulação ligada ao lazer. As ações do Estado reforçam esse processo de diferenciação espacial, pelo fato de implementar investimentos em áreas concentradas e estratégicas. Essa relação entre Estado e espaço faz parte da produção espacial, Carlos (2016) aponta que esse agente é capaz de atuar na cidade através de políticas criando a infraestrutura necessária para a consolidação de um novo ciclo econômico, ou seja, redirecionando as políticas urbanas para a construção de um ambiente necessário para que esse capital possa se realizar.

3. AS DINÂMICAS AGREGADORA E SEGREGADORA NAS CIDADES DE MARÉ

O turismo tem um destaque econômico nas cidades de Curuçá e Salinópolis (Figura 4). Porém, mesmo como uma formação similar, a dinâmica desta atividade em ambas as cidades

ocorre de forma distinta. Salinópolis, por exemplo, se tornou um importante polo turístico e mostra como políticas públicas podem trazer melhorias à infraestrutura municipal. Incentivos como a doação de terras públicas pelo governador Alacid Nunes, a construção da segunda residência oficial do governador do Estado do Pará e o desenvolvimento da infraestrutura pelo Estado, marcado pelas rodovias, favoreceram a estruturação do turismo na cidade (BRITO, 2004).

Figura 4: Mapa de localização da área de estudo



Fonte: Laboratório das cidades, 2024.

É possível notar o intenso uso do espaço voltado para uma lógica de valor de troca, em Salinópolis uma característica do avanço da dispersão metropolitana atraída pela atividade do turismo, tanto nas áreas mais antigas da cidade como na ilha do Atalaia. As atividades urbano/mercantis, como o mercado imobiliário, expandiram-se na cidade voltadas ao atendimento aos veranistas (SANTOS & COSTA, 2021). Os novos padrões das redes hoteleiras surpreendem pelo tamanho e pelo formato luxuoso, estratégias para atrair os turistas.

Porém, essa intensa produção do capital acarreta uma segregação urbana, com um conteúdo intrínseco à formação e construção do espaço urbano capitalista, que se fundamenta

na propriedade privada da terra e na valorização do capital dentro da reprodução social. Os diferentes vetores da produção capitalista que, voltados para atender ao turismo, contribuem para a inserção do espaço litorâneo de Salinópolis ao contexto urbano-mercantil de uso e apropriação do espaço, o que resulta num elevado ritmo de crescimento urbano (Marinho, 2009).

Foi possível perceber que o turismo de veraneio não conseguiu estruturar uma rede econômica em Salinópolis que beneficiasse a população local, os artesãos, os comerciantes de forma constante, durante todo o ano, sendo apenas refém da sazonalidade dos turistas.

Adrião (2006) destaca como essa urbanização movida pelo turismo balnear que ocorreu em Salinópolis afetou a população do bairro da Prainha, composto por pequenos pescadores que venderam suas terras para os veranistas construírem suas "segundas residências" e se acabaram se mudando para a periferia da cidade, ocupando terras de mangue e, muitas vezes, em condições insalubres.

Alguns desses moradores ainda mantêm relação com a pesca, outros abandonaram a profissão para se tornarem caseiros dos veranistas. Adrião (2006) comenta que houve uma transformação na solidariedade que ocorria através da pesca, pois a organização social do trabalho sofreu uma mudança significativa que interferiu em todo o sistema de troca e solidariedade que envolvia a vizinhança do bairro através da pesca.

Atualmente, a rentabilidade econômica se concentra com os grandes empresários e com as grandes redes de hotelaria, a geração de empregos ligada ao turismo se resume à construção civil ou à informalidade do subemprego. De acordo com a RAIS (2023), a construção civil, entre 2015 e 2019, teve um aumento de 1200% no número de trabalhadores registrados em Salinópolis (SANTOS & COSTA, 2021).

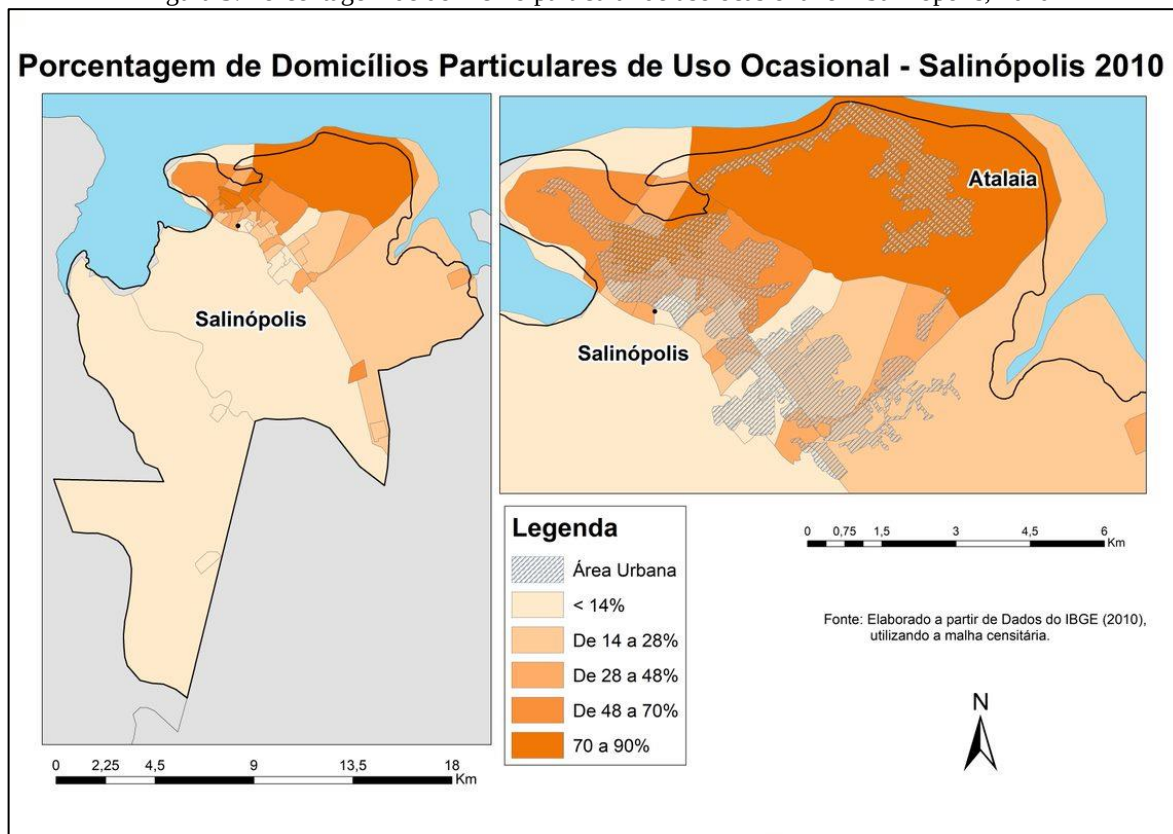
Além da falta de estrutura econômica que traga benefícios para os moradores, houve a segregação da população dos pontos turísticos, como foi possível perceber no trabalho de campo a partir das entrevistas. A população não consegue desfrutar do tipo de turismo que acontece na cidade, pois lugares como restaurantes, e até mesmo as praias e orlas, que são lugares públicos, tornaram-se cada vez mais frequentados pelos turistas em função dos elevados valores de consumo.

Além dos altos preços dos serviços, principalmente na ilha do Atalaia, a população reclama do alto valor do mercado em geral na cidade, que aumenta nas épocas de grande demanda turística, da cesta básica ao peixe, das frutas às verduras na feira. Alguns participantes

relatarem a necessidade de fiscalização do Procon, para regularizar os preços e combater os preços exorbitantes desses estabelecimentos.

Em uma análise espacial, é possível perceber que Salinópolis é uma cidade com grande concentração de segundas residências, como apresenta a Figura 5, em que as cores mais intensas representam uma grande quantidade de domicílios particulares de uso ocasional.

Figura 5: Porcentagem de domicílio particular de uso ocasional em Salinópolis, 2010



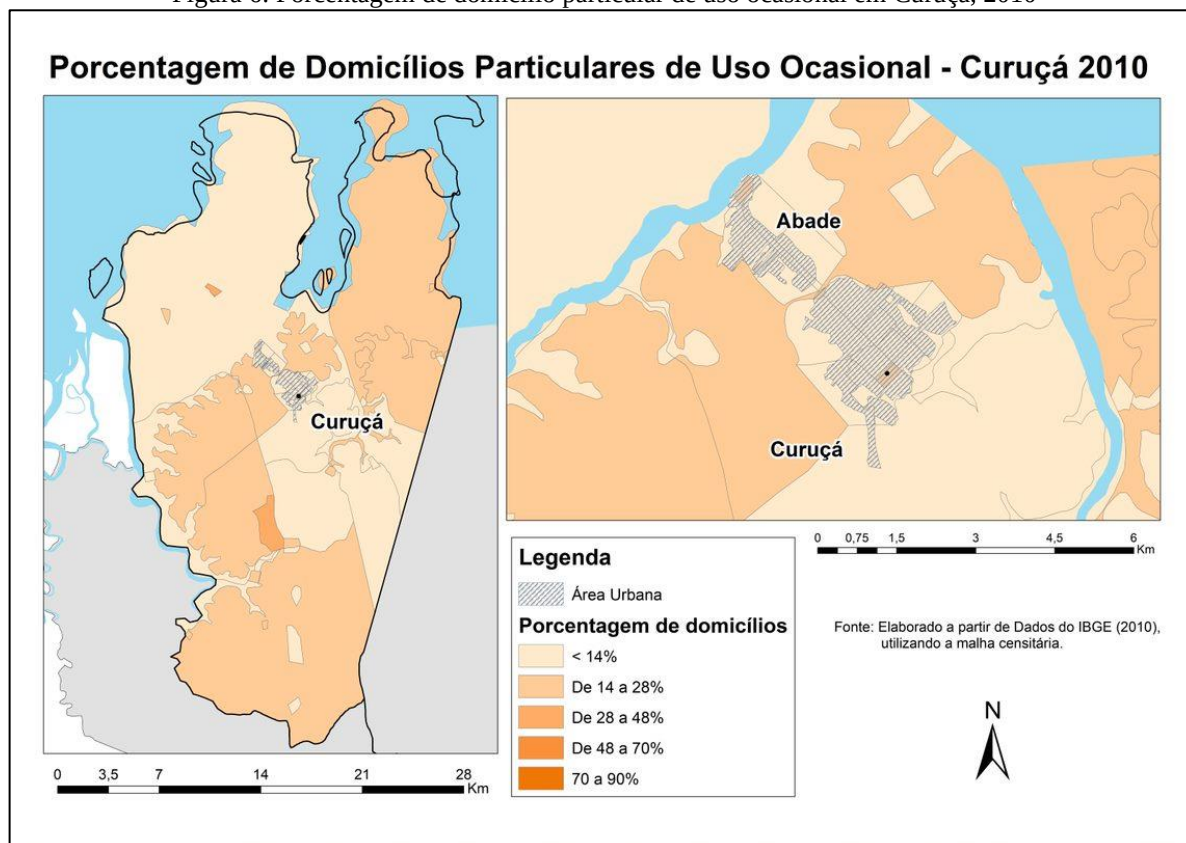
Fonte: Laboratório das cidades, 2023.

Nesse cenário, percebemos o quanto o centro da cidade ainda é repleto de segundas residências, são áreas que parecem não pertencer ao cotidiano da população local, são exemplos de espaços homogêneos produzido pelo capital. Segundo Lencioni (2010), a homogeneidade do espaço é evidente e perceptível ao olhar, as formas como as cidades e edifícios são cada vez mais parecidos, em diferentes lugares, atestando suas equivalências.

Em contrapartida, Curuçá expressa uma outra perspectiva de turismo com uma forte vertente cultural – com atrativos como o carnaval, Festival do Folclore, Garota Verão – que atrai os turistas em períodos específicos do ano, além das praias e balneários que o município apresenta, mas que ainda são pouco explorados com relação à Salinópolis. Em função de uma

dinâmica turística que não concentra a presença de veranistas todos os finais de semana, a cidade não apresenta grande porcentagem de segundas residências, como é possível ver no mapa da Figura 6.

Figura 6: Porcentagem de domicílio particular de uso ocasional em Curuçá, 2010



Fonte: Laboratório das cidades, 2023.

Este é um reflexo da diferença entre os incentivos que a cidade de Salinópolis recebeu, como foi mencionado no início do texto. Mesmo que Curuçá apresente muitos atrativos culturais e naturais que favorecem a atividade turística, a dinâmica é diferente devido à falta de incentivos turísticos e maior divulgação.

Durante as entrevistas, os moradores de Curuçá relataram que o turismo ainda é pouco explorado, porém esta atividade ainda é considerada como uma alternativa para a construção de um modelo de desenvolvimento pautado na sustentabilidade, um viés totalmente diferente das bases desta atividade em Salinópolis, pois existe uma política de preservação do patrimônio cultural em Curuçá que oferta as diretrizes para a associação entre cultura, meio ambiente e desenvolvimento (SILVA *et al.*, 2019).

Um fator muito forte em Curuçá, além dos elementos da religiosidade, festas, danças, ritmos e artesanato, é que a cultura da cidade é marcada pela influência do meio ambiente natural. Os passeios que ocorrem nas praias de Curuçá objetivavam apresentar as belezas naturais aos turistas, além da vivência de aspectos do cotidiano da pequena cidade, como: a pesca artesanal, a catação de caranguejos, a agricultura familiar e a criação de abelhas (SILVA *et al.*, 2019).

O Relatório Técnico de Infraestrutura e Saneamento Básico (LAMEIRA, 2019) aponta os importantes segmentos turísticos de Curuçá, que perpassa pela pesca, turismo de aventura, turismo sol e praia, turismo religioso, turismo rural e turismo histórico-cultural, e a origem desses turistas vem principalmente de Belém, Castanhal, Ananindeua e outras cidades, além daqueles que vem de outros estados.

As estruturas e as formas de Curuçá são características de pequena cidade, sem a presença de formas espaciais de grandes resorts e condomínios luxuosos que não englobam a população por serem destinados à população de fora. A atividade turística ocorre de uma forma mais acessível, em que não apenas o turista possa desfrutar do lazer, mas a população curuçense também, além de ser beneficiada economicamente, fator de diferencia o veraneio em Salinópolis.

Na perspectiva espacial, o turismo que ocorre em Curuçá não tem características segregadoras. A espacialidade dessa atividade é mais acessível, em que não apenas o turista possa desfrutar do lazer, mas a população curuçense também, além de ser beneficiada economicamente. Por essas condições que os moradores relatam da necessidade de impulsionar esse setor para trazer mais benefícios à população local.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história foi possível notar na trajetória econômica de uma microrregião as mudanças nos padrões das atividades. A dinâmica econômica das cidades do Salgado refletiu na trajetória da organização territorial delas. No início, o destaque das atividades econômicas dessas cidades girava em torno da pesca e da agricultura. Por serem áreas próximas da costa a população local se dedicava quase que exclusivamente à pesca, pela facilidade e abundância de rios e do oceano, e no cultivo e insumos agrícolas, como a mandioca, o algodão, o arroz etc. Nas áreas mais distantes do litoral a agricultura se diversificavam com o café, cacau, cana,

milho e feijão (BAENA, 1885).

A partir da terceira fase de organização territorial, a rodoviária, o turismo começou a ganhar protagonismo nas cidades do litoral, a partir de então Curuçá, Marapanim e Salinópolis começa apontar mudanças no terceiro setor da economia, em função do turismo.

As atividades primárias, como a pesca e agropecuária, não deixaram de existir, mas com o tempo o comércio e serviço se tornaram expressivas na arrecadação do PIB dessas cidades. Com esse processo, as cidades de Curuçá e Salinópolis se tornaram centros do turismo balnear (ADRIÃO, 2006), e tiveram uma (re)organização espacial em função destas atividades.

O desenvolvimento voraz da produção capitalista do espaço veio ao longo dos anos imprimindo formas e conteúdo de caráter segregador nas cidades. É possível perceber a intensidade e a velocidade desse processo em lugares estratégicos para a sua reprodução. Essas desigualdades que se materializam na paisagem da cidade e revelam a segregação como resultado da produção capitalista do espaço.

É possível identificar esses elementos em todas as cidades. No caso de Salinópolis esse processo se intensifica a partir da produção voltada para a lógica da atividade do turismo de veraneio, que acabou segregando a população local que não consegue desfrutar do mesmo lazer que o turista, dado o alto custo da rede turística, mesmo se tratando de lugares públicos, como as praias e as orlas.

Curuçá, em contrapartida, apresenta um turismo de veraneio mais acessível, que não exclui a sua população. As atividades turísticas da cidade envolvem festa e festividades, como o carnaval, o Festival do Folclore, Garota Verão, o Círio entre outros, sem esquecer o incentivo ao ecoturismo, com passeios pelas praias e mangues. Foi possível perceber que as estruturas e as formas de Curuçá foram menos transformadas que em Salinópolis, que apresentam grandes resorts, parque aquático e aeroporto, sempre com o viés de atender o mercado turístico.

5. AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem à FAPESP pelo financiamento da pesquisa, por meio do processo nº 2019/23903-2, e que permitiu a construção deste artigo.

6. REFERÊNCIAS

ADRIÃO, D. Pescadores de Sonhos: um olhar sobre as mudanças nas relações de trabalho e na organização social entre as famílias dos pescadores diante do veraneio e do turismo balnear em Salinópolis, Pará. In: **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 2, p. 11-21, maio-ago, 2006.

BAENA, Manoel. **As comarcas da província do Pará**. Belém: 1885.

BRITO, F. M. O. **Salinópolis-PA: (Re)Organização Sócio-Espacial de um Lugar Atlântico Amazônico**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal De Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

CALETRÍO, J. “De veraneo en la playa”: pertencimento e o familiar no turismo de massa no Mediterrâneo. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 24, nº 47, p. 119-140, janeiro-junho de 2011.

CARLOS, A. F. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2016.

CORRÊA, R. L. A periodização da rede urbana da Amazônia. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 4, n.3, p. 39-68, jul./set. 1987

ÉGLER, E. G. A zona bragantina no estado do Pará. In: **Revista Brasileira de Geografia**, julho-setembro 1961.

FARIAS, Kassia Suelen da Silva. Principais políticas de fomento do turismo na Amazônia: análise dos primeiros planos de turismo da Amazônia (PTA I e II) e do PROECOTUR. In: **Revista de Turismo Contemporâneo – RTC**, Natal, v. 2, n. 2, p. 183-205, jul./dez. 2014.

Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA). Estatística Municipais Paraenses: Curuçá. Belém, 2021a.

Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA). Estatísticas Municipais Paraenses: Marapanim. Belém, 2021b.

Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA). Estatísticas Municipais Paraenses: Salinópolis. Belém, 2021c.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. Pesca artesanal: um delineamento de sua história no Pará. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Antropologia Nº 79, Belém, abril de 1981.

_____. Alguns aspectos do processo de mudança na região do Nordeste Paraense. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Antropologia V 1, p. 67-123, Junho de 1984.

LAMEIRA, Joyce A. S. (Org.) **Relatório técnico de infraestrutura e saneamento básico**. Belém: Governo do Estado do Pará, 2019, 57 p.

LENCIONI, Sandra. Redes, coesão e fragmentação do território metropolitano. In: **Revista**

electrónica de geografía y ciencias Sociales, Universidad de Barcelona. Vol. XIV, núm. 331, agosto de 2010.

MARINHO, R. S. **Faces da expansão urbana em Salinópolis, zona costeira do estado do Pará.** Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

_____. **Pequenas cidades do nordeste do Pará:** maritimidades da Amazônia. Tese (Doutorado em Geografia) — Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2017.

MONTENEGRO, A. **Álbum do Estado do Pará.** Paris: Haponet, 1908.

RAIS - RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS. **RAIS Vínculos.** Disponível em: <<https://bi.mte.gov.br/bgcaged/rais.php>>. Acesso em: 05 de abril de 2023.

ROCHA, Gilberto Miranda. SOARES, Daniel Araújo Sombra. MORAES, Sérgio Cardoso. Dinâmicas Territoriais na Zona Costeira do Estado do Pará, Amazônia Brasileira. In: **Confins: revista franco-brasileira de geografia**, nº 42, 2019.

SANSOLO, D.G. Políticas e planejamento do turismo na Amazônia. In: **Caderno Virtual de Turismo.** Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p.105-119, abr. 2013.

SANTOS, K. P. COSTA, S. M. F. As articulações regionais das cidades de maré na microrregião do Salgado (PA). In: **ANAIS XIV ENANPEGE**, 2021.

SILVA, A. C. R. ANSCHAU, A. PEREIRA, P. V. V. SIMONIAN, L. T. L. Turismo, cultura, patrimônio cultural e desenvolvimento em (Pará, Brasil): uma relação possível?. In: **Amazônia investiga**, Vol. 8, N 18. Jan-Fev 2019, 243-259p.

TAVARES, Maria Goretti da Costa. A Amazônia brasileira: formação histórico-territorial e perspectivas para o século XXI. In: **GEOUSP – espaço e tempo**, São Paulo, nº 29, pág. 107-121, 2011.